

DIA DAS MÃES

Não queremos flores, queremos direitos e respeito!

“Se não for dada a devida atenção às mulheres, estamos decididas a fomentar uma rebelião, e não nos sentiremos obrigadas a cumprir leis para as quais não tivemos voz nem representação.”

A frase é de Abigail Adams. Faz parte da carta que escreveu em 31 de março de 1776, durante o Segundo Congresso Continental, ao seu marido John Adams, que se tornou 20 anos depois o segundo presidente dos Estados Unidos.

E, em 1987, este mesmo trecho foi reproduzido na Carta das Mulheres Constituintes. Esse empoderamento de luta se deu com o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), por meio da organização de mulheres civis.

O momento agora também exige das mães trabalhadoras luta e resistência diante da ameaça da retirada de direitos, em especial com a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 06/2019, que se refere à Reforma da Previdência, segundo o Coletivo de Mulheres do Sinergia CUT.

Ou seja, desde a Constituinte as mulheres lutam para assegurar não só o presente mas o seu futuro e daqueles que são próximos. “As mulheres conseguiram uma vitória pioneira: o artigo 5º da Constituição de 1988 que diz que homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”, lembra a coordenadora do Coletivo, Rosana Gazzola. Na época, esse triunfo foi chamado de “lobby do batom” e contou com a participação de 26 deputadas federais constituintes entre os 559 políticos no total. “Foi com a luta delas que as mulheres tiveram o direito de se aposentar cinco anos mais cedo do que os homens em função da elevada jornada de trabalho.”

Agora, a Reforma da Previdência exige muito mais sacrifícios das mulheres do que dos homens. “Quantas mulheres vão chegar ao tempo de contribuição de 20 anos, sendo que isso só dará direito a 60% do benefício?”, questiona a coordenadora do Coletivo. É preciso lembrar que, para ter direito ao benefício integral, a proposta do governo é de 40 anos de contribuição ao INSS.

Sem contar a Medida Provisória (MP) 871/2019 que o governo mandou para o Congresso, que irá alterar as regras de concessão de benefícios.

O salário-maternidade deverá ser requerido em até 180 dias do parto ou adoção. Hoje, é feito em até cinco anos. Infelizmente, têm mulheres que desconhecem esse direito, pedindo-o após dois anos.

Pesquisas apontam que a mulher é hoje, muitas vezes, a responsável pela casa. De acordo com o IBGE, 80% das crianças têm como responsável uma mulher e 5,5 milhões de crianças não têm o nome do pai na certidão de nascimento.

“Existe uma lei para adoção e seria importante que estivesse em todos os Acordos Coletivos de Trabalho (ACTs)”, afirma Rosana. “Isso já acontece no ACT da Elektro”, exemplifica. “Adotar uma criança, além de ser um ato de amor, envolve muitos afazeres e sentimentos”. No verso, Márcia Paiva, trabalhadoras de Furnas, conta a sua emoção de adotar uma linda menina. Parabéns, mães trabalhadoras! É hora de união para dar voz às reivindicações! Só a luta te garante!



Minha maternidade

Por Márcia Paiva,
trabalhadora de Furnas

Fim da tarde de 26 de janeiro de 2018, eu estava trabalhando quando recebi uma ligação que iria mudar minha vida. Uma voz feminina se apresenta como Daniela, do Fórum, falando sobre um processo de adoção e eu, depois de quase 8 anos de espera, pensei: vão me chamar para atualizar os dados do cadastro de novo. Meu marido já tinha me falado que não iria mais, porque era perda de tempo, era tudo carta marcada, que a gente já estava velho demais pra isso, etc e etc. Enquanto tudo isso cruzava meus pensamentos, escutei assim “uma menina de 11 meses, saudável, mas que ainda tem um recurso em julgamento, então eu preciso saber se vocês querem conhecer e iniciar uma aproximação...” Meu coração disparou e eu não sabia o que fazer nem o que falar.



Chegando em casa, usei a técnica infalível de falar “preciso te contar uma coisa”, que é para não ter volta. Meu marido parou e me olhou espantado, e eu fui atropelando as palavras e esperando o momento dele dizer “melhor não”. Mas ele me olhou e seus olhos brilharam de um jeito diferente e ele disse: - Vamos lá agora! E eu fiquei paralisada, aquela sensação de um vazio no estômago, sem saber se eu ria ou chorava e falei que não era assim, que tinha que esperar o juiz liberar. E assim, esperamos ...31 dias de espera! E, finalmente, fomos conhecer a menina que já tinha um rostinho no nosso afeto.

De repente, ela surge no colo de uma cuidadora, com um olhar assustado e curioso, tão miudinha e tão frágil, tímida, arredia, e nós dois ali parados, nos sentindo igualmente frágeis e assustados. Mas eis que essa pérola escolheu justamente o Dia da Mulher pra vir ao mundo e assim, 10 dias depois do nosso primeiro contato, o juiz permitiu que ela dormisse na nossa casa. Nessa altura, apesar de estarmos plenamente conscientes que havia um recurso em julgamento, nossa menina já tinha berço, roupas, banheira e uma miniestrutura para acolhê-la. Lógico que o berço foi desnecessário nessa primeira noite, porque eu precisava sentir seu calor, abraçar, sentir seus fiozinhos de cabelo.

Daí veio o teste de resistência, eu buscava no abrigo e depois tinha que levar de volta. Assim passaram mais quarenta e poucos dias. Dia 14 de abril foi um sábado e eu trabalhei até 11 horas da noite. No domingo cedinho, corri no abrigo para buscá-la com o compromisso de levar dia 16 à tarde. Neste dia, bem no finalzinho da tarde, recebo outra ligação, avisando que precisávamos ir ao fórum assinar o termo de guarda. Eu fiquei exultante de felicidade e falei que ela estava dormindo, mas que, assim que acordasse, eu iria levá-la no abrigo e passaria no fórum. Desligo o telefone e enquanto tento me controlar, recebo outra ligação, dessa vez do abrigo, dizendo que uma vez que o juiz concedeu a guarda, a responsabilidade era nossa, não tinha “volta para o abrigo”. Ela acordou e lá fomos nós assinar o papel. Confesso que nesse momento eu assinaria qualquer coisa!

Assim, fomos conquistando nossas pequenas vitórias: em agosto soubemos que o recurso fora negado em última instância, em novembro fomos buscar sua nova certidão de nascimento. Agora, eu era mãe de papel passado!

Foi sofrido em muitos momentos, mas hoje quando chego em casa e vejo aquela criaturinha me receber sorrindo, meu coração explode de felicidade! Tudo se torna pequeno diante da alegria de ver seu sorriso iluminado!